

CATE – Transcrição *podcast front e back-end*

Tempo: 0'13'43''

*Vinheta: "Escuta Essa"*

APRESENTADORA: Olá, pessoal. Sejam muito bem-vindas e bem-vindos a mais um *podcast* do portal Cate. Eu sou a Camila Martins e hoje vamos falar com alguns profissionais da área de tecnologia sobre as profissões de *back* e *front-end*.

Oi, PH. Oi, Bruno. Vocês podem se apresentar para o nosso público?

PH: Eu me chamo Paulo Henrique. Sou o fundador da Casion. Casion é uma *software house*: uma empresa que desenvolve sistemas para o mercado. Eu nasci na periferia de São Paulo. Lá na região do Grajaú. Meu primeiro contato com tecnologia foi em um telecentro, também em um programa público da Prefeitura, onde eu tive meu primeiro contato com computador e, na época, com internet. Isso faz alguns anos. E de lá, eu comecei a conhecer o que era tecnologia.

Depois, no futuro, eu acabei conhecendo um curso técnico de uma ação social – também na região da Zona Sul. Através desse curso eu conheci a área de programação propriamente dita.

BRUNO: Bom, eu sou o Bruno. Eu tenho 30 anos. Eu comecei a me desenvolver profissionalmente com mais ou menos 18 anos, mas eu sempre fuzei muito sobre isso. Então, assim que eu ganhei meu primeiro computador, comecei a vasculhar toda essa área porque mais me intrigava como as coisas eram feitas no computador do que como usar. Desde o começo, quando comecei a jogar alguns jogos, eu mais me interessava por fazer, por exemplo, um *software* que fazia um *cheat* no jogo do que jogar de fato. Então, isso sempre me intrigou muito.

Antes da faculdade, para conseguir entrar nesse mundo da tecnologia, do desenvolvimento de *software* e tudo mais, eu tinha alguns amigos, que eram um pouquinho mais velhos, que eu conheci jogando. Eu sabia que eles eram programadores porque eles acabavam falando, e eu falava: "Cara, me ensina. Abre a câmera comigo no MSN, vai me ensinando, compartilha sua tela...". Eu ficava lá enchendo o saco deles... aí, beleza, eles [diziam]: "Ah, tá bom. Deixa eu te ensinar". E eu era bem mais novo, tinha 12, 13 anos, e eles tinham 17, 18 [anos], falando: "Tá bom, Bruno. Vamos lá. Deixa eu te ensinar" e tal. Eu era muito, muito, muito, muito curioso.

CAMILA: Então, vamos lá. Quais são as principais diferenças na atuação de um programador *front-end* e um *back-end*?

BRUNO: As responsabilidades e as atribuições de um desenvolvedor *back-end* e um desenvolvedor *front-end*... Eu vou dar o exemplo de uma loja virtual, em que eu acho que todo mundo já comprou: no Ifood, que é basicamente uma loja virtual, ou, enfim, no mercado livre,

coisas desse tipo. Tudo o que você vê na tela faz parte das responsabilidades de um *front-end*, desde a interface gráfica. Por exemplo, o Mercado Livre: o amarelinho que foi ali, foi colocado por um desenvolvedor *front-end*; o posicionamento dos produtos; como as coisas se comportam de acordo com o tamanho da tela. O mesmo *site* quando é aberto no *mobile*, vai ter um outro comportamento. Tudo isso faz parte do desenvolvedor *front-end*.

PH: É ele quem posiciona um botão na tela, que faz aquele clique do botão acionar uma animação; ter um *scroll* na tela; a fonte que é utilizada; a velocidade que o aplicativo carrega. Claro que isso não se limita apenas a aplicativo, mas se estende a *sites*, a portais, a redes sociais, enfim.

BRUNO: Por outro lado, o desenvolvedor *back-end* é alguém que está ali para colocar as regras para que isso funcione, para que essas telas funcionem. Digamos assim: o controle de estoque de um produto no mercado livre, isso não é feito no *front-end* porque o *front-end* – aquilo que a gente vê – está no navegador da pessoa. Você pode inspecionar elemento e mudar alguma coisa ali; então, ele nunca fica no *front-end*.

Esses tipos de controles ficam no *back-end* para evitar problemas de segurança. Controle de estoque, controle de pagamento, transações de cartão de crédito e tudo mais são responsabilidades do desenvolvedor *back-end*. E um exemplo bem claro disso – de um fluxo, na verdade, *front* e *back* – é quando você está em uma loja e precisa calcular o frete. Quando você vai calcular o frete, você coloca o seu CEP. O seu CEP, do *front-end* – a caixinha do *front-end* pega o seu CEP e envia ele para o *back-end*. O *back-end* pega isso, trata, valida se é um CEP verdadeiro, se é um CEP válido e tudo mais e manda para um serviço dos Correios. Os Correios fazem o cálculo e devolvem para o *back-end*. O *back-end* pega esse resultado, manipula alguma coisa, se ele precisar mostrar de alguma forma específica, fazer cálculo em dólar... enfim, faz o que tem que fazer com essa resposta do correio e devolve para o *front-end*, que fez aquela requisição. Então, esse é o fluxo completo, pensando até em um serviço externo. São mais ou menos essas as responsabilidades.

CAMILA: Bom, falando agora do *front-end*: quais são as ferramentas que esse profissional tem que dominar para entrar no mercado de trabalho?

PH: No início de carreira, para você conseguir um estágio, alguma coisa assim, é muito importante que você faça cursos mais rápidos, que te ensinem uma visão mais geral sobre as áreas. Um bom *front-end*, normalmente, começa conhecendo sobre *web*, sobre *sites*. Essa é a porta de entrada para os *front-ends* no mercado. Então, para você ser um bom programador de um *site*, você tem que conhecer tecnologias como HTML, o JavaScript, o CSS.

BRUNO: O HTML é uma linguagem de estrutura, o CSS é uma linguagem de estilos e o JavaScript é uma linguagem de programação propriamente dita; então, ele vai deixar as coisas dinâmicas. Esse é o básico para você entrar no mercado hoje. Assim, a minha linha de raciocínio é sempre: aprenda HTML, CSS e JavaScript, e depois, qualquer outra coisa.

CAMILA: E o programador *back-end*, o que ele precisa saber?

PH: O bom *back-end* primeiro domina uma *stack*. Uma ou mais, dependendo do nível do profissional. O segundo ponto, que é muito importante para um *back-end*, é entender sobre regras de negócio. E aí, é um dos pontos que eu acho mais interessantes da área de TI, porque você não tem que saber apenas programar, apenas criar código, mas você precisa entender o problema que o seu cliente tem e criar uma solução técnica para esse problema. É nesse momento que você precisa traduzir a necessidade de negócio para código. Um bom *back-end* consegue entender um problema, transformá-lo em processo e implementar isso em um código.

CAMILA: Eu queria que vocês falassem agora sobre a perspectiva do contratante. Como as empresas encontram esses profissionais de tecnologia e qual o perfil que elas buscam?

PH: Como o mercado de trabalho se comporta com tecnologia é uma das áreas que mais me chamam atenção para visão a longo prazo. Isso porque a gente enxerga que tudo hoje em dia vira uma empresa digital. A pandemia influenciou um pouco na aceleração desse processo, mas é um processo que já vinha acontecendo. Então, eu considero todas as empresas, hoje, como empresas digitais ou empresas que não sabem que viraram digitais.

BRUNO: Assim, eu percebo que, hoje, das pessoas que me seguem, com quem eu converso, que estão querendo entrar, existem dois perfis muito claros: um perfil de uma pessoa que olha para isso e sabe que isso existe, mas ela não tem nenhuma ideia do que faz aquilo, do que faz um profissional de desenvolvimento; e, ao mesmo tempo, existe um outro perfil, que é o perfil da pessoa que está em outra área, mas olha para o desenvolvimento, olha para a tecnologia e fala: "Poxa, que legal! Se eu tivesse pensando nisso antes, eu teria ido para essa área. Acho que vou fazer uma transição de carreira". Então, são esses dois perfis. Geralmente, um pessoal mais novo e um pessoal mais velho. Pula uma etapa aí. É um pessoal de mais ou menos 18 anos e, depois, um pessoal de mais ou menos 35 [anos].

CAMILA: E o mercado está aquecido aqui no Brasil? É verdade que existem mais vagas do que profissionais disponíveis?

PH: O Brasil é um dos mercados mais aquecidos para tecnologia. A gente aqui exporta muita tecnologia. É muito comum empresas de outros países contratarem brasileiros de forma remota; daí, obviamente, é muito importante você saber falar inglês e tudo mais. Mas, sim, o Brasil é muito aquecido. Se eu não me engano, a gente forma 10 mil profissionais por ano, e a demanda do mercado exige 40 mil profissionais.

Quando a gente faz uma entrevista, vai contratar um profissional, aqui a gente gosta de avaliar vários pontos dessa pessoa. Inclusive o lado mais humano dela: como ela conversa, como ela

expõe as suas ideias, como ela assume o que ela não sabe fazer – que é um ponto muito importante em uma entrevista.

BRUNO: Em geral, o que a gente avalia? A gente avalia os projetos pessoais que a pessoa fez. Mais vale o que você fez do que um cargo anterior ou um diploma ou alguma coisa. Então, “Puts, eu fiz um curso e nesse curso tinha um projeto”. Cara, coloca ali no currículo o seu projeto: como você desenvolveu; o que você aprendeu ali; o que ela conseguiu absorver disso. E aí, eu consigo, em uma entrevista, perguntar alguma coisa sobre o projeto para conseguir aprofundar sobre o conhecimento dela. É mais ou menos isso. Programação é como falar inglês: você pode até aprender a teoria, mas, se você não praticar, você não sabe falar. Quando a gente está falando de desenvolvimento de *software*, o que você sabe fazer é mais importante, por exemplo, do que uma formação de faculdade. Tudo o que pode te dar acesso àquela informação – um curso, por exemplo – é fundamental. Digamos que a base de onde você vai iniciar, por exemplo, um curso gratuito, um conteúdo na internet e alguma coisa assim... ele pode te dar essa base para entrar no mercado, e isso é fantástico. Claro, uma faculdade é legal? É legal. É legal para caramba. Tem uma vivência? Tem uma vivência. Mas, para o mercado de desenvolvimento de *software*, ela não é essencial.

CAMILA: Já que o mercado de tecnologia está aquecido e faltam profissionais, que dicas vocês dariam para quem quer começar a estudar e ingressar na área?

PH: Hoje, as vagas são majoritariamente remotas. A minha empresa, por exemplo, contrata pessoas do Brasil inteiro, e isso é muito legal, porque faz com que os times dividam um pouco mais sobre cultura, sobre as diferenças entre os perfis, e isso gera resultados melhores na nossa entrega. Também quebra alguns muros nas distâncias; então, não faz diferença se a pessoa mora na periferia de São Paulo ou no centro. Vai estar todo mundo *online* ao mesmo tempo. Você consegue ter boas remunerações, e eu acho que o grande segredo é você correr muito atrás, estudar bastante e se manter atualizado. Não é porque tem muita vaga disponível no mercado que ela vai ser ocupada por qualquer nível de profissional. Você precisa ser um bom profissional. É muito comum, hoje, a gente ver notícias sobre *startups*, tanto no Brasil quanto fora dele. E é importante para quem está começando na área entender que existe esse cenário também, existe essa área de atuação.

Bom, queria agradecer a vocês que nos ouviram até agora. Espero ter ajudado nessas dúvidas que vocês têm nesse início de carreira e espero que vocês criem coragem e se aventurem nessa área de tecnologia porque realmente é muito legal, é muito apaixonante. Que faça sentido na vida de vocês, que transforme a vida de vocês e da família de vocês.

BRUNO: Obrigado a todo mundo que ouviu e espero que eu tenha conseguido dar uma visão geral do que é o desenvolvimento de *software*, do que é a área de tecnologia, o *front*, o *back*, enfim... Espero que eu tenha conseguido dar um panorama geral para vocês. O *back-end* está precisando de gente, galera. Venham ser *back end*. Você coloca regra nas coisas. Acho que é isso.

PH: Qualquer coisa, pode me procurar nas redes sociais. Pode me procurar pelo perfil da empresa. Se tiver alguma coisa em que eu possa ajudar vocês, fiquem à vontade.

CAMILA: Então, é isso, gente. Se você se animou com o mercado de tecnologia e quer ser um programador, aqui no Portal Cate, tem cursos de desenvolvimento de *back-end* e desenvolvimento de *front-end* gratuitos e com certificação. Bons estudos e até o próximo *podcast*!

*Vinheta de encerramento.*